

Presença da arte norte-americana

A presença norte-americana domina, quase de ponta a ponta, o roteiro de artes plásticas desta semana. No Museu de Arte Moderna do Rio, teremos, na quinta-feira, a exposição "Cor como Linguagem", organizada pelo seu congêneres de Nova Iorque, e que dá ênfase especial à arte norte-americana, particularmente às correntes mais recentes da arte abstrata. Um panorama mais amplo, mas ainda assim incompleto (o destaque está nos pintores ligados ao expressionismo abstrato e às diferentes facetas do realismo norte-americano neste século) é o que o público carioca vai encontrar na exposição de 35 quadros da coleção Michener, da Universidade do Texas e que será aberta, quarta-feira, no Museu Nacional de Belas Artes. Mais dois outros pintores nascidos nos Estados Unidos mas residentes no Brasil realizam mostras individuais esta semana: Grover Chapman e Alan James. E o brasileiro Abdias Nascimento, residente nos Estados Unidos desde 1968, expõe na Galeria Morada. De fora, ainda, mas agora de Paris, onde residem, vêm as obras de Cícero Dias e de Cybele Varela que serão expostas respectivamente na Galeria da Praça e Galeria Bonino. Vamos ao roteiro.

Segunda-feira

Nascido em Sergipe, em 1943, residiu em São Paulo, onde estudou e recebeu influências de Portinari e Aldemir Martins. *Baptista* é o único brasileiro residente no Brasil a expor esta semana. Em suas pinturas parte de tipos regionais que são recriados num "sentido altamente pictórico". Galeria Samarte.

Os quarenta quadros que Cícero Dias vai expor na Galeria da Praça foram

pintados nos últimos dois anos, em Paris, e são de um "figurativismo lírico".

Nascido em Recife, Cícero Dias realizou de início uma pintura figurativa, que depois orientou-se para a abstração, ainda que envolvida por uma certa luz nordestina. Desde alguns anos, entretanto, Cícero Dias vem realizando uma pintura francamente figurativa, de início tocada pela personalidade de Chagall, mas que se apresenta hoje como uma espécie de memória visual de sua terra natal. Galeria da Praça.

Terça-feira

Criador do Teatro Experimental do Negro e do Museu de Arte Negra (o que é feito dele? e das obras?) autor de vários livros onde estuda a problemática do negro no Brasil e também de uma peça famosa e polêmica, *Sortilégio*, Abdias Nascimento reside nos Estados Unidos, onde é professor catedrático da Universidade de Buffalo. Segundo suas próprias palavras começou a pintar um mês antes de sair do Brasil, mas nos Estados Unidos é que a pintura se impôs a ele como necessidade inadiável, inclusive para superar suas dificuldades iniciais com a língua. Precisava falar. Usou a pintura, sobretudo para comunicar aos negros norte-americanos, que buscavam sua identidade, símbolos que estavam esquecidos. Mas em que pese a vinculação do seu trabalho à problemática do homem negro e mesmo considerando seu talento inquieto que o leva a manifestar-se em formas tão diferentes, o resultado propriamente plástico de sua pintura é pobre, estando muito próximo dos artistas primitivos — e não me refiro aos melhores. Na sua mostra da Morada, em Ipanema, vai reunir cerca de 25 trabalhos, inclusive alguns que remetem

à paisagem da cidade mineira de Conceição do Mato Dentro, que ele visitou e guarda na memória.

Cybele Varela reside há alguns anos na França. Foi a Paris inicialmente como bolsista. Voltou, ficou, casou. Mas não deixou de pintar. Quando saiu do Brasil pela primeira vez fazia uma pintura agressiva e colorida, ligada à iconografia de massa, aos temas urbanos, ao kitsch. Em Paris, depurou a cor, selecionou outros temas, tornou sua pintura mais requintada e, talvez pela carência local de luz, buscou-a em seus quadros. "O sistema pictórico de Cybele Varela — diz Pierre Restany — se funda sobre um método de leitura da luz: estruturação do raio luminoso e distribuição de sombras". Galeria Bonino.

Alan James, ex-diplomata dos Estados Unidos no Brasil, ao aposentar, decidiu radicar-se aqui. Por volta de 1958, começou a desenhar e a pintar, mas só em 1969, passou a estudar pintura seriamente com Ivan Serpa. E assim, desde 1970, vem participando de várias coletivas no Brasil e realizou mostras individuais no Rio, Salvador e Brasília. No Museu Nacional de Belas Artes.

Quarta-feira

O escritor norte-americano James Michener, autor, entre outros, do best-seller *Havai*, doou à Universidade do Texas, sua coleção de arte norte-americana do século XX, constituída por 350 quadros. Michener sempre deu mais importância à arte abstrata de caráter expressionista e, também àquela mais intimamente ligada à vida americana. Em sua coleção estão ausentes nomes mais conhecidos fora dos Estados Unidos e ligados à pop, a arte ótica e cinética. A mostra que está percorrendo vários

países da América Latina é constituída por 10% da coleção original e se "existem omissões importantes em cada década entre os artistas representados, as idéias de cada período da arte americana estão representados, mesmo que seus proponentes mais destacados estejam ausentes. Num sentido mais amplo, conforme explica Donald Goodall, diretor das coleções de arte da Universidade do Texas, a exposição pretende mostrar "em forma visual algo sobre a linha de continuidade na vida e na arte americana". Eis alguns nomes de destaque na exposição: Richard Anuszkiewicz, Baziotes, Peter Blume, Sam Francis, Hoffmann, Indiana, Kline, Kelly, Morris Louis, Pearlstein. No Museu Nacional de Belas Artes.

Ainda na quarta-feira, Grover Chapman inaugura exposição de suas pinturas na Galeria Marte 21. Nascido na Carolina do Norte, USA, Chapman reside no Brasil desde 1951, dedicando-se especialmente à pintura mural.

Quinta-feira

A mostra "Cor como Linguagem" organizada pelo Conselho Internacional do MAM de Nova York, vem sendo aguardada com bastante interesse aqui no Rio, mesmo depois de sua montagem em São Paulo ter "causado um certo mal-estar, meio caminho para a decepção". Para o crítico Roberto Pontual a exposição revela uma certa "margem de inconsistência sobretudo devido à amplitude demasiada que se deu ao tema, conduzindo à diluição da linha central pretendida". O interesse da mostra, entretanto, e sobretudo para o grande público, para os estudantes de belas artes e artistas jovens, está na galeria de nomes, nos quase-mitos da arte moderna e pós-moderna. Na verdade, será pela primeira vez que muitos



Roberto Indiana: onde morava, "os letreiros eram mais profusos que as árvores. Sou um pintor americano de letreiros indicando o caminho".

verão obras originais de Pollock, Warhol, Rauschenberg, Lichtenstein, Barnett Newmann, Stella, Noland, bem como dos europeus Dorazio, Fontana, Yves Klein, Daniel Buren, Richard Smith, entre outros. Serão ao todo 63 obras, que cobrem alguns dos movimentos mais importantes da arte em nosso século: Expressionismo Abstrato, Pop-Art, Novo Realismo, Arte Mínima etc. A mostra foi organizada por Kynaston McShine, curador do Departamento de Pintura e Escultura do MAM de Nova

York, que já esteve no Brasil, e foi o responsável por uma das primeiras e mais significativas exposições de arte conceitual, a "Information — Summer 70".

A importância da coincidência de duas exposições de arte norte-americana em uma só semana é que elas, de certa maneira, se completam, apresentando um vasto painel da criação plástica no mundo atual e do qual os Estados Unidos participam de forma decisiva, especialmente depois de 1950.